Psicanálise e Cinema

25/10/2018

Coordenação: Alessandra Silveira e Gabriela Barretto

Conexão: A Psicanálise na contemporaneidade; identidade para o sujeito falante e os efeitos do ancoramento no imaginário.

 O filme em questão, Her é do diretor Spike Jonze e trata do amor nos tempos atuais. Nos tempos de uma sociedade líquida e narcísica. A história gira em torno de Theodore (vivido por Joaquin Phoenix), ele escreve cartas pessoais e de amor para outras pessoas e, em sua vida pessoal, está tendo dificuldades para lidar com o término de seu casamento. É quando conhece e experimenta um novo sistema operacional, programado para reconhecer as necessidades de seu usuário e organizar sua vida, sendo capaz de se comunicar com ele com base em seus desejos e anseios.

 Theodore acaba capturado pela voz do seu sistema operacional, que se chama Samantha, e essa relação que prometia ser uma relação de parceria e amizade, acaba se tornando mais que isso. Ele se apaixona por Ela e começam a namorar, é assim que ele a apresenta numa tarde de piquenique para seus amigos, como sua namorada.

 Her é um filme dos dias de hoje. Das relações virtuais, do imaginário idealizado de uma voz. Quem é o Outro? Um sujeito ideal. Ideal justamente porque não existe. Ideal porque a voz deseja o que você sonha em realizar. A fantasia do Outro ideal é completada imaginariamente isso produz felicidade para tempos de desamparo, isolamento e medo de se relacionar como nos dias de hoje. Não obstante, o sistema operacional se humaniza nessa relação, dado que a partir do momento que a relação se desenrola aparece a diferença, a impossibilidade de completude, entrando em jogo ciúmes, cobranças, discussões da relação e o sexo.

 Para a Psicanálise tanto a pulsão escópica quanto a pulsão invocante são sempre da ordem o desejo. Talvez, para Theodore o fascínio residisse no fato da voz não emanar de um corpo específico, mas de um corpo qualquer que pode ser restituído idealmente por ele, ou seja, sonhado e idealizado livremente, sem um referente prévio. Percebe-se isso quando convidam uma moça, para que fazendo uso do corpo dela, eles pudessem concretizar a relação sexual. Porém, Theodore não consegue, há uma incompatibilidade que se faz presente nesse momento entre o objeto idealizado e a realidade (o corpo da moça escolhida). Isso porque esse corpo real não coincide com o corpo imaginário de Samantha. Quando Theodore se depara com o rosto da moça em questão e não com o rosto imaginado de sua amante, há uma queda do objeto e fim da fantasia. O que ele não suporta, seu constrangimento é visível e seu mal-estar quase que palpável. Não obstante, em apenas uma conversa com Samantha ele consegue gozar.

 Com o passar do tempo e da relação o sistema operacional de tão humano, falha. Theodore descobre que Samantha também se relaciona com vários usuários, o que devasta por isso deixar cair sua fantasia de único para ela.

 Essa falha aponta para a falta e aquilo que podia ser pensado como uma perfeição tecnológica, já que aproxima ainda mais a máquina do humano é vista e sentida como um defeito. Afinal, quem (ou o que) é, exatamente, o objeto de desejo de Theodore?